



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO.**O SECULO**DE SANTA
RITA

OS SOLDADOS DE CHUMBO

■ Por ROSA SILVESTRE ■

O Jorge era um menino de oito anos, filho de pais muito ricos, que o enchiam de mimo, fazendo-lhe todas as vontades. Vivia numa casa muito bonita, no meio dum jardim onde havia flores de todas as qualidades.

Assim de repente parece que o Jorge devia ser a criança mais feliz do mundo mas eu digo que não era e vou explicar-lhes porquê:

Primeiro, porque, habituado a satisfazer todos os seus caprichos, não sabia suportar a mais pequena contrariedade; depois, porque tudo lhe parecia pouco, desejando quantos brinquédos via, para aborrecer, dali a um instante, o que primeiro cobicava.

Comparem agora a sorte deste menino com a de tantas crianças pobrezinhas que passam fome, sentem frio, e nunca tiveram um bonito para brincar, coitadinhos!

Deixemos, porém, estas considerações e voltemos à história,

Perto do Jorge vivia uma pobre viuva com um filho

que devia ter, pouco mais ou menos, a idade do seu rico vizinho. Chamava-se Pedro, o pequenito, e era a única consolação da mãe, que trabalhava todo o dia para que o pão não faltasse em casa.

É claro que o Jorge não conhecia o Pedrito, mas outro tanto não se dava com este, que passava horas a ver aquele menino tão bem vestido, correndo pelo jardim, ou sentado no terraço, com tantos brinquédos à sua volta!

Uma vez o Pedrito perguntou à mãe:

— Porque é que a nossa casa não tem um jardim como aquele?

— Porque nós sômos pobres, meu filho.

— Ah! — exclamou o pequeno, pensativo; e continuou: — Então, ser pobre é uma coisa muito má, não é, mãe? A viuva ficou embaraçada, sem saber que lhe responderia.

Por fim, disse:

— Ninguém é pobre quando tem alegria. As vezes as pessoas ricas, que vivem em casas com jardins, são mais infelizes do que nós.

Pedro não compreendeu lá muito bem o que a mãe queria dizer mas calou-se.

Como chegara a altura de êle aprender a lêr, a mãe mandou-o à escola. Pobremente vestido, mas muito asseadinho, não tardou a ser um dos primeiros da sua classe, porque estava sempre com muita atenção e pedia à mãe, em casa, que lhe ensinasse as lições.

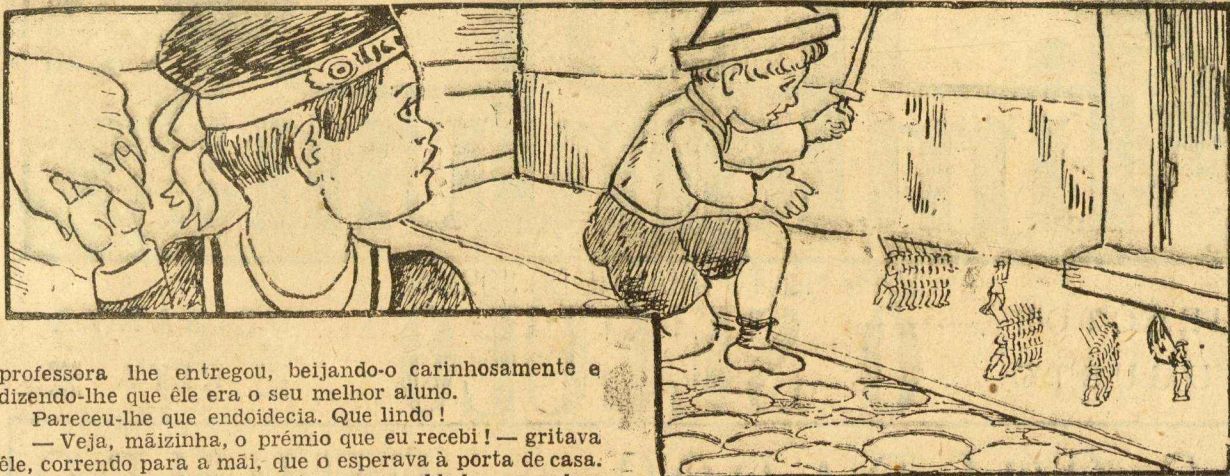
Andava contentíssimo, o simpático pequeno.

Entretanto, o Jorge aborrecia-se cada vez mais; não achava graça a coisa alguma e tornava-se insuportável a ponto dos pais dizerem:

— O nosso filho tem mimo demasiado.

No fim do ano, o Pedrito recebeu, como prémio da sua aplicação, uma caixa de soldadinhos de chumbo, que a





professora lhe entregou, beijando-o carinhosamente e dizendo-lhe que ele era o seu melhor aluno.

Pareceu-lhe que endoidecia. Que lindo!

— Veja, mãzinha, o prêmio que eu recebi! — gritava ele, correndo para a mãe, que o esperava à porta de casa. E foi logo, sem demora, dispôr os seus soldados, em ordem de marcha, sobre a velha mesa de pinho da cozinha.

Quiz um barrete de papel com um penacho. Agora, era general!

— Meia volta à direita! Marchar! — E ria, gesticulava, sentindo-se importante, como se fosse, na verdade, o chefe dum grande exército.

A caixa dos soldadinhos de chumbo era o seu tesouro. Ia vê-los antes de dormir e, logo de manhã, era para eles a sua primeira visita.



Um domingo, como a mesa de cozinha lhe parecesse já muito acanhada para as «grandes manobras» do seu «exército», pediu licença à mãe e foi brincar para o passeio, em frente de casa.

Aconteceu passar por ali o Jorge. Parou, atraído pela gritaria do pequeno «general», e quedou-se a olhar, admirado, achando aquela brincadeira muito divertida. Porque seria que nunca lhe tinham dado um brinquêdo tão bonito como aquele?

Foi preciso que o criado que o acompanhava o chamasse, dizendo-lhe que não era próprio estar ali parado, a ver brincar um «rapaz da rua».

O pequenito afastou-se, mas o que é certo é que nunca mais lhe saiu da cabeça aquele «regimento» marchando às ordens do seu «comandante».

Uns soldadinhos assim é que ele queria!

Compraram-lhe uns, mas não eram iguais aos «outros», dizia ele. Chorou, bateu com o pé no chão; a mãe apouquentou o pai chegou-se a zangar-se e ninguém conseguiu satisfazer-lhe aquele desejo. Os soldadinhos do «rapaz da rua» é que eram bonitos! Assim é que ele queria ter uns! E dali não passava.

Certa manhã, ao dar um passeio pelo campo, o Jorge caiu tão desastrosamente que torceu um pé. Voltou para casa ao colo e teve que conservar-se de perna estendida umas três semanas.

Durante êsse tempo, o menino que nunca soubera o que era sofrimento, nem estava habituado a ter paciência, perdeu o apetite, entristeceu, sem que coisa alguma o distraísse. Os pais não sabiam o que haviam de fazer. Foi então que ocorreu uma ideia á desolada mãe: Embora custasse ao seu orgulho, mandou pedir à viuva que deixasse vir o filho, com os seus soldados de chumbo distrair o doentinho.

Pedrito não se fez esperar. Chegou, dali a pouco, muito envergonhado, com a sua caixa debaixo do braço. A pobre criança nem sabia onde havia de pôr os pés. Aquela casa tão bonita fazia-lhe lembrar os contos de fadas que a mãe costumava contar-lhe.

O Jorge, logo que o viu dispondo-os sobre o tapêto, animou-se, quiz erguer-se um pouco mais e, dali a pouco, parecia outro, conversando alegremente com o «rapaz da rua».

A visita repetia-se todos os dias, até que o Jorge pôde dar o seu primeiro passeio ao jardim.

Então é que foi uma brincadeira completa! Houve um grande «combate». Pedrito perdera a vergonha e comandava os «seus soldados» com a maior bravura e entusiasmo.

Os donos da casa, satisfeitos por verem o filho tão contente, assistiam à «batalha» duma janela e deram palmas, no fim, vitoriando o «ilustre general».

Ficaram amigos, os dois pequenos.

Passaram a frequentar ambos a mesma escola, porque os pais de Jorge resolveram encarregar-se da educação de Pedro, que passou a viver, com a mãe em casa dos seus protectores, onde a pobre viuva fazia trabalhos de costura.

Jorge nunca mais esqueceu os soldadinhos de chumbo. Quando, mais tarde, teve filhos, ensinou-os a ser modestos, amigos dos pobres, e o primeiro brinquêdo que lhes comprou foi uma caixa de soldadinhos de chumbo,

UMA LENDA

Por MANUEL FERREIRA

HAVIA num país fabuloso, no interior das florestas, um rei bom e justo, que era o ídolo do seu povo.

Casado havia muitos anos, el-rei vivia desgostoso por não conseguir sucessão. Pedira várias vezes a sua madrinha, uma boa feiticeira, que lhe concedesse o que ambicionava, mas ela fugia de responder-lhe. Até que, um dia, retorquiu ao real afilhado:

— «Conseguirás o que desejas. Porém, hás-de ter grandes dissabores... Contudo vou procurar satisfazer essa tua pretensão.»

El-rei voltou para o seu palácio. No caminho, um velho dirigindo-se, jubiloso, a êle, disse-lhe:

— «Parabens, Magestade! Conseguiste o teu desejo.»

E riu-se...

O monarca, julgando que o velho troçava dele, respondeu-lhe ásperamente:

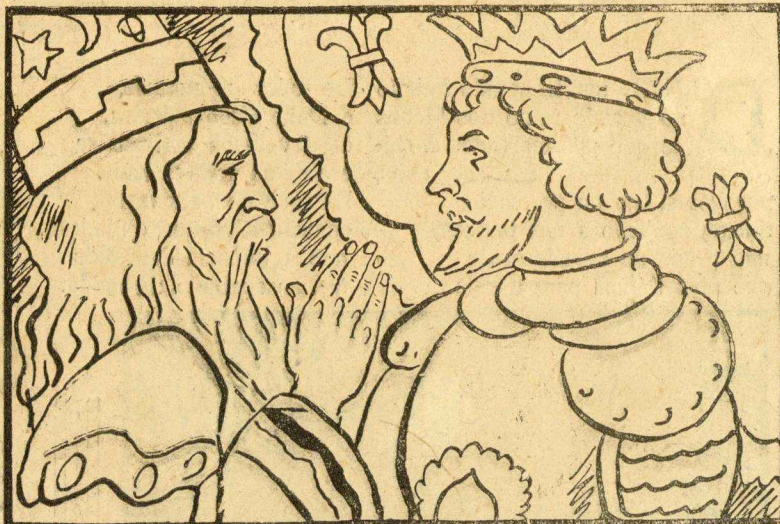
— «Vens aumentar a minha amargura com a tua zombaria?»

O velho continuou:

— «Poderoso rei, sou astrólogo. Logo que as pessoas nascem, leio, nas estrelas, o seu futuro. O teu herdeiro nasceu há poucos momentos. É uma menina linda, mas...»

— «Mas o quê?» — interrogou o rei cujos olhos pardos se toldaram por momentos, duma nuvem indefinível.

— «Depois dos dez anos, a princesa dará a morte a todos que tenham a desdita de conviver com ela, desde que essas pessoas tenham defeitos morais. São um ente privilegiado a poderá desencantar. Portanto, trata de a encerrar num castelo, onde ela deve viver, abandonada de todos...»



Como o rei se lamentasse, o velho astrólogo, animou-o:

— «Resigna-te à tua sorte e não desesperes. Sempre há-de haver uma alma bela, isenta de defeitos que deseje lutar por esta causa admirável.»

Dito isto, o velho desapareceu. Foi a princesa, à qual chamaram Flôr-de-lis, crescendo em graça, em bondade e em formosura. Todos admiravam as suas qualidades. Boa para os humildes, caritativa, piedosa, Flôr-de-lis tornou-se extremamente popular. E quando ela, montada, com donaire, no seu cavalo ajaezado, percorria a floresta, absorvida na tentação das cousas belas da Natureza, todos que a encontravam, diziam:

— «Cá vai a nossa boa princesa!»

Porém, na véspera do dia em que completava uma dezena de anos, ouviu-se uma pancada soturna no palácio. E, vinda de não sei de onde, ouviu-se esta frase:

— «É começada a hora do sacrifício.»

Daí a pouco, a princesa foi conduzida à torre de marfim. Enganaram-na, piedosamente, com um passeio à floresta e assim a encerraram onde só um espírito forte a poderia libertar.

Passaram-se eternidades. No castelo de marfim a princesa carpia as suas mágoas. Decorria o tempo das cruzadas. Quando a Flôr-de-lis olhava pela janela, o trecho admirável da paisagem e ainda mais se apoderava do desejo de ir para o campo, um cruzado, com seu escudo, sua lança e a cruz ao ombro, acercou-se da torre.

A linda princezinha, chamou-o da janela:

— «Queres libertar-me?»

— «Sim, quero, Senhora minha; dize o que é necessário para isso que eu a tudo estou disposto.»

Flôr-de-lis exclamou:

— «É necessário seres um homem de grande conducta moral, quer em pensamentos e palavras, quer em obras.»

O cruzado, pondo a mão nos copos da espada, afirmou:

— «Juro-vos, que se não sou um modelo de virtudes, pouco me falta!»

(Continua no próximo numero)



CONSELHOS

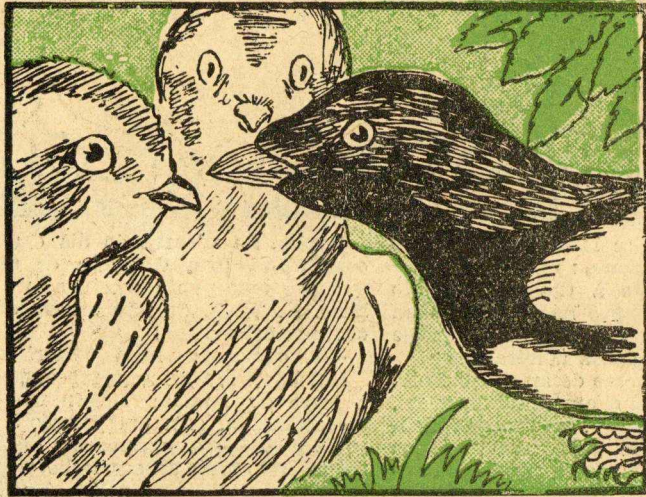
POR LAURA CHAVES

DEU-SE um tremendo bulício no grande reino dos bichos porque uns malvados cochichos, por goluseima ou por vício, tinham roubado a uns petizes, uns grãos de cevada-aveia que eles tinham para a ceia.

De todos os animais, a Dona Pêga palreira, essa velhaca embusteira, era quem gritava mais. Berrava de indignação contra os ladrões, ou ladrão, que à infância desvalida tinham roubado a comida.

Foi ter logo com os pais é em berros de atordoar propôs ser ela a tratar, nos bancos dos tribunais desse audacioso roubo, onde o juiz Dr. Lobo e a escrivã Dona Carriça, fariam toda a justiça.

acusando os tais e papava um go... E, sem nunca se... té chegou mesm... do bico dos peq... meia dúzia de



Ora veio a suceder estarem eles jantando e a pêga ia petiscando sem ninguém lho oferecer. — Ésse roubo, minha Amiga... e marchava uma formiga. — Pois inda há justiça, Amigo... e engulia um grão de trigo.

E como os pob... ela, então, disse... que ouvissem o... que nunca, nun... Enquanto isto... sôfregamente e... um guizado de... que tinham par...

— A cordorníz há-de ver-me, lá no tribunal dos bichos

Depois, piou pa... — Os pequen... que a miudo lh... estes conselhos

UMA BOA ACCÇÃO

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑE

ALBERTO e Zéca são primos. Era natural que se parecessem fisicamente e moralmente, visto que as mãis são irmãs, não é verdade? Mas não. Nem se parecem por fóra, nem por dentro. O Alberto é loiro, rosado.

O Zéca moreno e de cabelos pretos. Alberto é acaado, obediente, honrado, cuidadoso consigo e com tudo o que lhe pertence.

Zéca, malcriado e insolente, esquece-se muitas vezes, de lavar as orelhas, e a respeito das suas roupas, dos seus livros, cadernos e lapis... é uma autêntica desgraça: deixa uma coisa aqui, outra, alem. E tudo sempre tão enxovalhado, tão amarrotado, que até faz pena!...

Ora há dias desciam os dois primos o Chiado, vindos da escola. De súbito, ao Zéca pareceu-lhe vêr luzir qualquer coisa, junto da valeta. Baixou-se rapidamente. E ao levantar-se, trazia na mão um lindissimo anel com um brilhante.



de DONA PÊGA

ES - Desenhos de CASTANÊ

os tais cochichos!... —
um gordo verme.
nca se calar,
mesmo a tirar
os pequenitos
a de mosquitos!

E, com seu bico abelhudo,
ia lambiscando tudo,
mas sempre, sempre afirmando
que o roubo é crime nefando.

os pobres piassem,
disse aos fedelhos
sem os seus conselhos
a, nunca roubassem.
isto lhes dizia
ente engulia
do de tremôço
m para o almoço.

Nisto, ouviu-se a voz dum Louro (1)
dizer, lá duma ramada:
— Fora daqui descarada!
Acaba êsse desafôro!
Pois falas contra os ladrões
que pretendes dar lições
quando tu, pássaro reles,
roubas ainda mais que eles! —

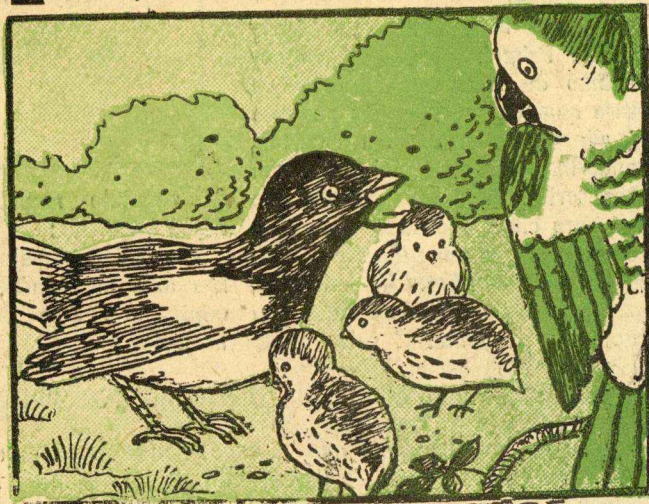
— Não sabes, Louro infeliz,
o que disse Frei Tomaz?
«Ninguém faça o que êle faz,
façam só o que êle diz»
volveu tôda altiva a pêga.
— Isso para cá não pega —

respondeu o louro à ladra,
— ouve a moral que me quadra,
e ouve-a bem, pêga maluca,
fixa-a no teu pensamento:
«palavras, leva-as o vento,
o bom exemplo é que educa.» —

.....
Êste conceito do louro
vale mais do que um tesouro.
Vós, meninos, que o escutais,
falei nêle a vossos pais.

(1) Papagalo

F I M

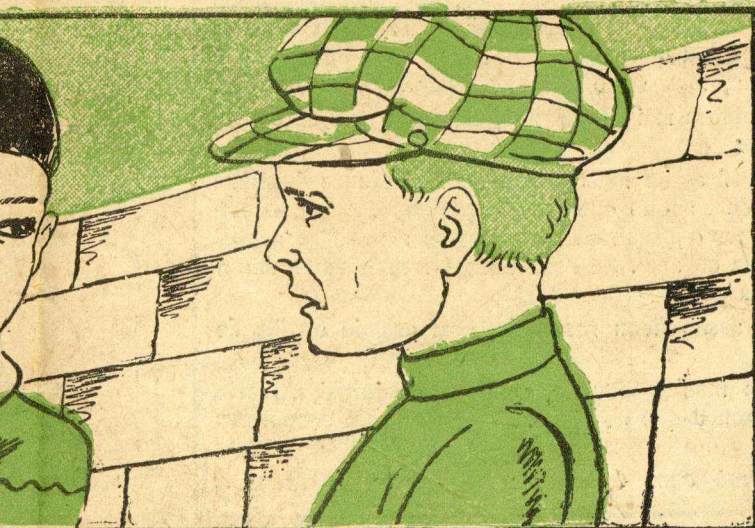


O — «Olha! — mostrou êle ao primo. — Um anel bem catita!... Deve valer bom dinheirinho!...»

Meteu-o no bolso e continuaram a caminhar, sempre conversando.

— «O melhor — disse Alberto — é irmos entregá-lo na esquadra!»

— «Anh? O quê? Tu não estás bonzinho da cabeça!... Então eu achava uma coisa destas tão rica e ia



metê-la nas unhas dos policias!... Só se eu fôsse palerma!... Vou mas é vendê-lo e com o dinheiro que me derem por êle, poderei ir ao cinema quantas vezes me apetecer!...»

— «Não!... Não farás isso — afirmou Alberto com autoridade. — O anel não é teu. Não podes vendê-lo!...»

— «E' meu, sim, é meu!... Achei-o, pertence-me!...»

— «Pois eu digo-te que não é teu. Não consinto que o vendas. Se não te obrigo a ir já entregá-lo na esquadra, é porque podem demorar-nos lá. E como hoje já saímos da escola muito tarde, as nossas mãis ficariam em cuidado. Mas amanhã falaremos!...»

O Alberto é mais velho e mais forte que o primo. Tem já 14 anos e o Zéca tem só 12. Por isso êste se calou. Mas ia resolidissimo a arranjar qualquer pretexto para se vêr livre do primo, antes de chegarem a casa.

— «Porque — pensava êle — se a mãi sabe disto, obriga-me a entregar o anel na esquadra...»

Enquanto que, se só o souber depois de eu o ter vendido... — quero cá saber de cantigas!... — pouco me importa que ralhe ou barafuste. O dinheirinho já cá catita...»

De maneira que, antes de entrar em casa, disse ao primo:

— «Espera!... Tens razão!... Não posso vender o anel, porque não é meu. Mas em vez de o entregar na esquadra, acho que será melhor dá-lo ao dono. Põe-se um

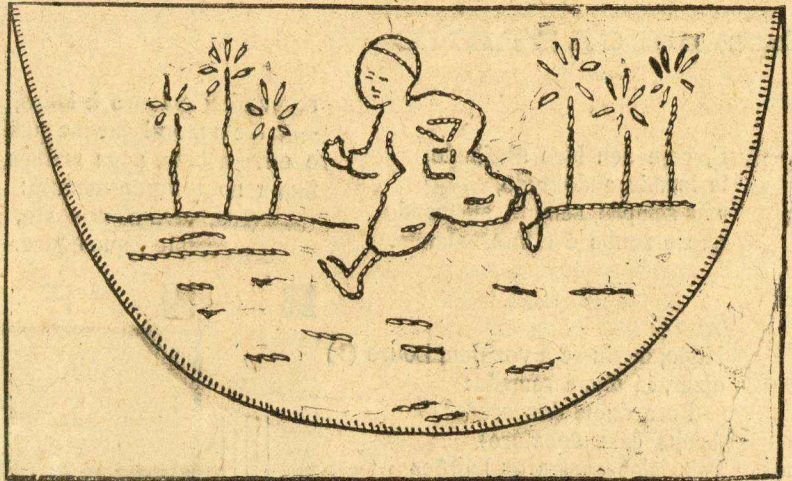
O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Querida Judit

Faltam ainda alguns dias para o Natal e, portanto com um bocadinho de boa vontade e algum trabalho, depressa farás esse saquinho de guardanapo que pensas oferecer à tua irmãzinha pequenina e que hoje apresento, satisfazendo, assim o teu pedido.

Vamos lá a ver como hás-de fazê-lo. Primeiro, escolhes um bocadinho de linho côr de rosa (ou outra qualquer côr, se não pudieses arranjar esta). Dobras em 3 partes, dando-lhe, assim, o feitiço de um sôbrescrito. A parte redonda que fica para cima, fechando o saco, é contornado por um *picot* feito com agulha de *crochet*. As costuras, que unem os outros dois lados, são caosids a pesponto. E vais bordar



da seguinte maneira o desenho deste saquinho:

Em verde, as palmeiras e o chão, Em azul carregado, o chinês, excepto o traço da cara, que é amarelo.

Fazes o *picot* tam bém verde e assim, verás concluída a tua obra.

Recebe um grande abraço da tua amiguinha

Abelha Mestre,

anuncio no jornal a dizer que se encontrou um anel e se entrega ao dono... e pronto. E' melhor, não te parece?>

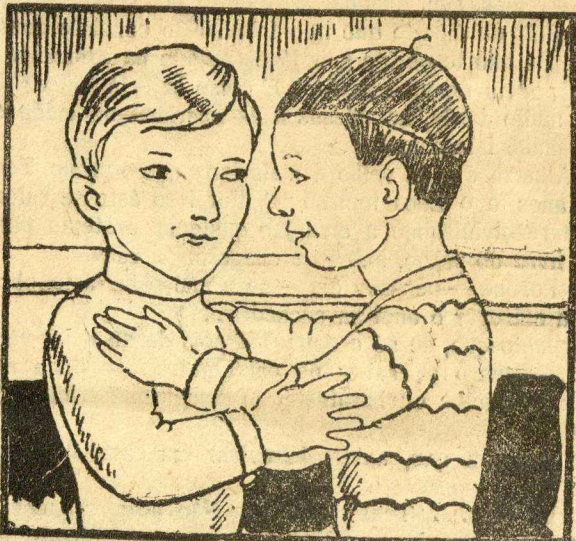
— «Sim, talvez» — concordou Alberto.

— «Nesse caso, vais tu adiante contar à mãe o que sucedeu e eu dou um pulo ao Rocio a deitar o anúncio!...»

— «Mas onde tens tu o dinheiro para isso?»

O Zéca não se atrapalha facilmente.

— «Ora, arranja-se tudo. Eles decerto fiam, quando



souberem que tenho em meu poder um anel de tanto valor...»

— «Tu estás maluco, Zéca? Então isso é lá coisa que se fie!... Não!... Tem paciência!... Não te largo!... Ou entras comigo em casa, ou acompanho-te onde fôres...»

— «Carraça!... — exclamou o outro, danado. — Mas deixa que não as perdes!... Hei-de fazer-te uma partida valente!...»

Alberto encolheu os ombros, sem responder. E os dois primos entraram em casa, onde as respectivas mãis, já em cuidado, os esperavam.

Alberto contou o sucedido, sem se referir à mãe acção que o Zéca queria praticar. E pelo contrário: acrescentou que o primo tivera vontade de ir pôr um anúncio, mas só o não fizera por falta de dinheiro.

Então a mãe de Alberto, elogiou a atitude do sobrinho:

— «E' assim mesmo que se faz! Nunca devemos ficar com aquilo que nos não pertence. Amanhã compraremos o jornal, para vermos se alguém se queixa da falta do anel. Se nada virmos, iremos então entregá-lo à polícia.»

E assim ficou resolvido, com grande arrelia do Zéca.

Na manhã seguinte, comprado o jornal, Alberto procurou o que desejava. E a certa altura encontrou:

Anel com brilhante perdeu-se. Pede-se a

quem o achou, o favor de o entregar na Avenida da Liberdade, n.º X.

— «Cá está! — exclamou Alberto, mostrando o anúncio. E virando-se para o Zéca, acrescentou:

— Vamos lá os dois. Traze o anel!...

E os rapazes, obtida a licença materna, puzeram-se a caminho. Zéca não cessava de resmungar:

— «Palerma!... Por tua causa, perco um dinheiro!...»

Alberto fingia não ouvir. Chegaram à morada indicada. Tocaram. Logo a porta se abriu. Um criado fardado, interrogou-os.

— «Que desejam?»

— «Vimos entregar um anel que encontramos ontem, no Chiado.» — respondeu Alberto um tanto acanhado pelo aspecto importante do criado.

Este mandou-os entrar para o vestibulo, pedindo-lhes que esperassem um pouco, enquanto ia prevenir o senhor visconde.

E instantes depois, vinha convidá-los a entrar no escritório, onde os aguardava um sujeito ainda novo, sorridente, com ar de boa pessoa.

— «Façam favor de se sentar. — disse ele. — Então algum de vocês encontrou o meu anel?»

— «Se é o do senhor, não sei — respondeu Alberto, fazendo-se muito côrado. — Mas ontem, aqui êste meu primo encontrou um anel. E como vimos hoje no jornal um anúncio?...»

— «E' um anel de ouro, com um brilhante grande e um A gravado no interior?»

— «Sim, senhor, É isso mesmo. Zéca, pôdes entregá-lo.»

O Zéca, bem contra vontade, meteu a mão ao bolso, tirou o anel e entregou-o ao visconde, que disse, simplesmente:

— «Obrigado, meus rapazes. E' êste mesmo!...»

Então Alberto levantou-se, dizendo para o primo:

— «Pronto! Vamos embora!»...

E cumprimentando o visconde, preparavam-se para sair, quando o ouviram exclaimar:

— «Esperem!... gostei da vossa atitude!... Vou recompensá-los pela boa accção que praticaram!...»

— «Mas, pelo amor de Deus, senhor! — protestou Alberto envergonhado — nós não queremos coisa alguma!»...

— «Sempre tencionei recompensar quem me trouxesse o anel, que para mim tem sobretudo valor por me ter sido oferecido por meu pai, que já morreu.

Sòmente, não disse isso, no anúncio, por entender que se a pessoa que o achasse fôsse honesta, não seria preciso falar-lhe em recompensa para que viesse entregar o anel. Não é assim?»

— «Decerto, meu senhor!...»

— «E agora, dou graças a Deus por terem sido vocês, uns rapazinhos tão honrados, quem encontrou o anel. Porque, se o tivesse achado qualquer criatura menos escrupulosa, a esta hora é possível que na cadeia houvesse mais um desgraçado, visto que eu tinha prevenido a policia, e esta, por sua vez, avisara ourives e prestamistas, do desaparecimento do anel.»

Nesta altura foi a vez do Zéca encavacar. Pôs-se vermelho como uma malagueta.

O visconde continuou, sem reparar na cara do Zéca:

— «Mas visto que vocês têm escrúpulo de aceitar dinheiro, digam-me: Em que poderei ser-lhes útil? Os vossos pais que fazem?»

— «Nem eu nem o meu primo, temos pai; morreram. E nós vivemos com as nossas mãis, que trabalham em costura para nos sustentar!»

— «E vocês não têm officio?»

— «Por enquanto, não senhor.

Há muita falta de trabalho. Mas eu quero ser marceneiro e o meu primo entalhador. De maneira que a gente anda numa escola industrial, a aperfeiçoar-se, para nos tornarmos uns bons artistas!...

O visconde ficou pensativo, durante momentos. E, por fim, pediu:

— «Dizei-me os vossos nomes e a vossa morada!...»

Alberto obedeceu. Então o visconde, depois de a escrever, estendeu a mão a cada um dos rapazes:

— «Adeus!... Obrigado!... Hoje mesmo terão noticias minhas!...»

Os' pequenos saíram.

Começou nesse dia a felicidade de Alberto, do Zéca e de suas mãis. O visconde tomou a família sob a sua protecção.

Nunca mais naquela casa se sentiram privações. E agora, dou-lhes uma excelente novidade:

O Zéca, três dias depois destes acontecimentos, dirigiu-se ao primo e abraçando-o, disse-lhe, com lágrimas nos olhos:

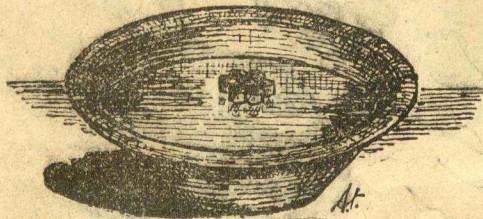
— «Alberto: perdôa todas as minhas maldades e os meus desesperos. De hoje em diante, farei todos os esforços por ser bom e bem comportado como tu.»

Ora eu acredito que o Zéca, seja muito capaz de cumprir a sua promessa. E os meninos que dizem?

As crianças e os fósforos

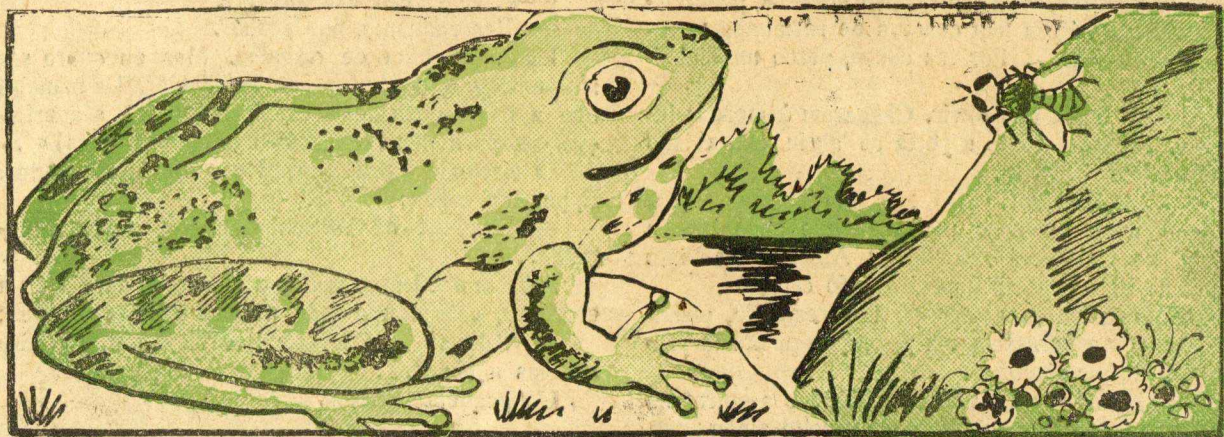
Vou-lhes provar que os fósforos são como certos meninos que conhecemos pois que obrigá-los a tomar banho lhes produz tanto efeito como levá-los ao dentista. Contudo, se lhes apresentarmos uma gulodice, ei-los correndo satisfeitos.

Consiste a demonstração em deitar alguns fósforos num



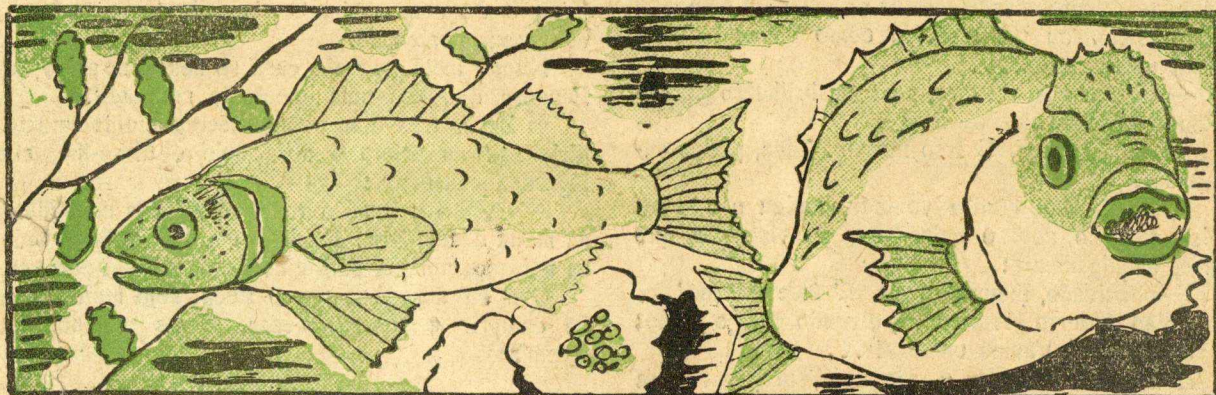
recipiente com água e dispô-los em fôrma de estrêla, bem ao centro. Basta agora mergulhar a ponta dum pedaço de sabão ou sabonete entre êles ... Vereis, imediatamente, os fósforos afastarem-se como que impellidos pelo horror que o sabão lhes causasse. Com um pequeno torrão de açúcar, que mergulhareis parcialmente na água, fareis reunir novamente os fósforos que tomarão a posição primitiva.

A rã prosaica e a mosca idealista



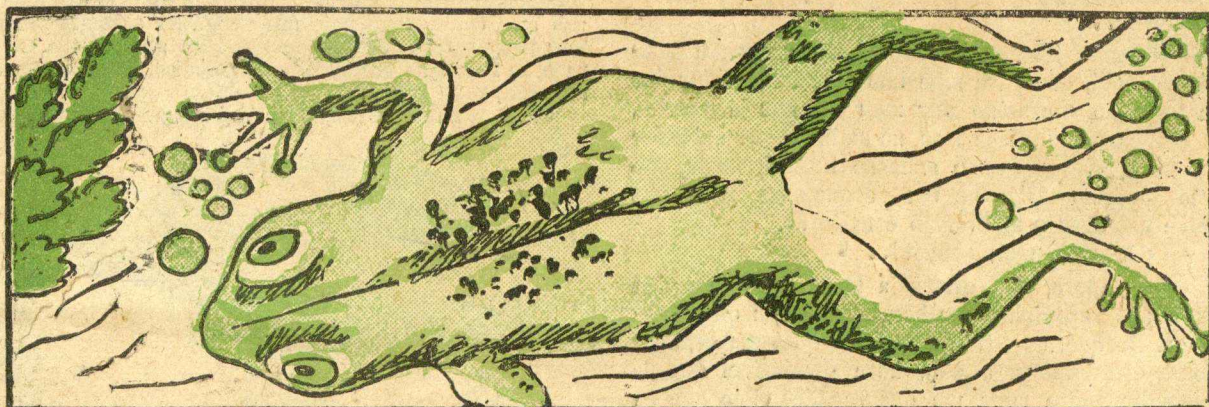
I — Pousando certa manhã,
uma mosca sôbre um rio
e vendo, à beira, uma rã,
logo a mosquinha zumbiu :

II — «Rãzinha que tens o dom
de mergulhar muito fundo,
ai, como deve ser bom
ver êsse bizarro mundo!...



III — A grande fáuna marinha
e a tão linda flora aquática!...
Responde, então, a rãzinha
à mosquinha tão simpática :

IV — «Entra em minha boca fina
e eu te levarei, de modo
que, através minha narina,
possas ver o fundo todo.»



V — A mosquinha acreditou
e entrou na boca da rã
que um figuinho lhe chamou
naquela linda manhã.

IV — *Meninos, sirva a lição...
tôda a Fantasia é bela
mas vêde : — a Imaginação
mata quem abusa dela!*